



**O EXERCÍCIO FILOSÓFICO DA ATENÇÃO
NO PENSAMENTO DE SIMONE WEIL:
uma elaboração provocativa**

**THE PHILOSOPHICAL EXERCISE OF ATTENTION
IN SIMONE WEIL'S THOUGHT:
a provocative elaboration**

Henrique Oliveira Luiz de Paulo¹

Resumo: Este artigo apresenta a conceituação acerca do exercício filosófico da atenção desenvolvida por Simone Weil, uma filósofa, operária, mística, professora, francesa de origem judia que viveu os dramas das duas grandes Guerras Mundiais. Assim, logo na introdução, é exposta brevemente sua biografia. Já no primeiro capítulo é exposta a conceituação weiliana acerca da atenção. No segundo, são apresentadas as dimensões estruturais da atenção, bem como seus paradoxos. Por fim, no terceiro e último capítulo é exposto o aspecto ético da atenção, cujo ápice é sua identificação como sendo substância do amor ao próximo. Todo esse itinerário permitirá ao leitor perceber a pertinência e a atualidade do pensamento de Simone Weil, a partir de um tema profundamente importante dentro das reflexões de tal filósofa.

Palavras-chave: Simone Weil. Atenção. Outro

Abstract: This article presents the conceptualization about the philosophical exercise of attention developed by Simone Weil, a philosopher, worker, mystic, teacher, French of Jewish origin who lived the dramas of the two World Wars. Thus, in the introduction, her biography is briefly exposed. In the very first chapter it is exposed the Weilian conceptualization about attention. In the second, the structural dimensions of attention are presented, as well as their paradoxes. Finally, in the third and last chapter, the ethical aspect of attention is exposed, whose summit is its identification as being the substance of love of neighbor. This whole itinerary will allow the reader to perceive the relevance and timeliness of the thought of Simone Weil, from a deeply important theme within the reflections of such a philosopher.

Keywords: Simone Weil. Attention. The other one.

¹ Bacharel em Filosofia pelo Instituto Filosófico São José, Seminário Diocesano Nossa Senhora das Dores, Diocese da Campanha – MG, e bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica de Pouso Alegre. E-mail: <henrique.oliveira39@yahoo.com.br>. Endereço para acessar o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4915223691135160>.

1 INTRODUÇÃO

O século XX é um período extremamente marcante da história da humanidade por vários motivos, uns negativos, tais como as duas guerras mundiais, e outros tantos positivos, dentre eles, os grandes avanços científicos e tecnológicos, bem como uma significava efervescência e pluralidade do pensamento filosófico, perceptível no grandioso número tanto de correntes de pensamento quanto de filósofos. Nesse contexto, desponta a figura da jovem filósofa francesa, Simone Weil, como grande exemplo de singularidade e originalidade. Muitas são as características que a tornam tão autêntica, e, por vezes, demasiado complexa, dentre elas, sua imensa radicalidade ao viver a totalidade de suas reflexões, ou seja, a incrível unidade existente entre vida e obra, reflexão e ação.

Simone Weil, mulher, filósofa, professora, mística e operária, que durante toda a sua vida jamais separou teoria e prática, viveu até as últimas consequências dessa união sem jamais trair os seus ideais e aquilo em que ela acreditava ser fundamental para sua trajetória existencial. Uma vez que:

Sua busca pela verdade passava por um profundo exercício da razão, de trabalho intelectual, sobre o qual ela diz ser sua vocação, e pelo reflexo coerente disso em sua vida prática, isto é, em todas as decisões, atitudes e caminhos que trilhava. (MARTINS, 2013, p. 28).

Nascida aos três dias do mês de fevereiro de 1909, em Paris, no seio de uma família judia não praticante que muito primava pela educação de seus filhos², Simone Weil recebeu, juntamente com seu irmão André, o que tinha de melhor para uma sólida e profunda formação humana e intelectual.

Bacharelou-se, com destaque, em Letras aos 15 anos de idade, e depois optou pela filosofia como caminho para alcançar a verdade. Nesse itinerário, ela passou por dois liceus preparatórios antes de ingressar propriamente no curso de filosofia: o primeiro foi o Liceu Victor-Duruy, onde teve por professor René Le Senne³; e o segundo, e profundamente marcante, foi o Liceu Henrique

² “Os Weil (Dr. Bernard e Sra. Selma) deram uma educação excepcional aos filhos: com doze anos Simone está aprendendo grego; piano com Germaine Tailleferre [pianista e compositora francesa de grande destaque do séc. XX]. Lê Pascal, se apaixona por Lamartine. André, que aos doze lia Platão em grego, com dezesseis entra na Escola Normal Superior” (BOSI, 1996, p. 23).

³ “Filósofo idealista crítico e psicólogo. Viveu entre 1886-1954. Aborda o tema da contradição como um obstáculo importante para a inteligência, pois a obriga a romper seu caminhar linear, fazendo-a refletir intensamente em busca de novas soluções” (MARTINS, 2013, p. 49). Foi professor na Sorbonne e um dos representantes do existencialismo francês. Não exerceu muita influência no pensamento weiliano.

IV, no qual permaneceu de 1925 a 1928 e teve como professor Alain⁴, que exerceu grande influência no pensamento de Weil, especialmente por sua maneira de conceber a história da filosofia e a própria filosofia. Simone Weil prossegue seus estudos filosóficos ao ingressar na *École Normale Supérieure*, em 1928. Lá permanece até 1931, quando finalmente se forma em filosofia. Nesse período, ela também chega a frequentar a Universidade de Sorbonne.

A jovem filósofa francesa, impelida, desde a infância, por um profundo sentimento de solidariedade para com os desvalidos e também por um ardente desejo de alcançar a verdade, desenvolve todo o seu pensamento, toda a sua vida, a partir desses princípios, que são basilares em todo o seu arcabouço biográfico-conceitual. E assim, ela vivencia diversas realidades, tais como: trabalhar na fábrica para conhecer/viver verdadeiramente a realidade dos operários; lutar na Guerra Civil Espanhola, por acreditar nos ideais democráticos. Em seu itinerário existencial, Simone Weil também realiza suas experiências místicas com o Cristo, que a coloca mais próxima tanto da Verdade quanto dos desvalidos.

Sua breve vida encerrou-se na noite do dia 24 de agosto de 1943, em Ashford, Reino Unido, onde ela faleceu sozinha em seu leito, aos 34 anos de idade, insatisfeita por não poder se juntar aos seus irmãos franceses que lutavam defendendo seu país.

Diante de tudo isso, este artigo tem por objetivo evidenciar o exercício filosófico da atenção exposto em alguns dos escritos de Simone Weil como sendo uma maneira, não só de filosofar, mas de compreender e transformar a realidade atual, marcada por diversas situações degradantes, ou seja, uma maneira de viver.

O exercício filosófico da atenção possui grande relevância dentro do pensamento de Simone Weil, uma vez que se encontra relacionado a diversos outros conceitos e temas trabalhados por ela. Visto que, em toda a sua trajetória biográfica e intelectual, ela teve como motivação/horizonte teleológico a busca pela verdade e a compaixão pelos *malheureuse*⁵, sendo assim, o objeto de estudo deste artigo encontra-se também essencialmente relacionado a tais questões.

A prática da atenção é fundamental tanto para a epistemologia quanto para a ética desenvolvidas pela jovem pensadora francesa. Pode-se perceber isso nos textos de seus comentadores, por exemplo, Alfredo Bosi (1988), que afirma: “Simone Weil é a filósofa da atenção.

⁴ Conhecido pelo seu pseudônimo Alain, cujo nome verdadeiro é Émile-Auguste Chartier, viveu entre 1868-1951. Foi um renomado professor de filosofia que influenciou diversos pensadores franceses (Maurois, Merleau-Ponty, Maurice Schumann, Jean-Paul Sartre e a própria Simone Weil) com sua maneira de instigar a audácia e originalidade nos seus alunos. Não era adepto aos sistemas e incentivava a desconfiança em relação aos mesmos, propunha uma aproximação profunda com os grandes filósofos, e desse modo, seu intuito não era formar historiadores da filosofia, e sim filósofos.

⁵ Termo francês para designar aqueles que foram atingidos pelo *malheur*. Pode ser traduzido como desventurados, desgraçados.

Primeiro, como atividade superior da mente. Depois, como princípio estratégico para lutar contra a máquina social [...]”⁶.

Desse modo, no presente trabalho será exposta, inicialmente, a conceituação, desenvolvida por Simone Weil, acerca da atenção, para assim, perceber seus aspectos epistemológicos, especialmente relacionados à busca do conhecimento e da verdade. Em seguida, serão elencadas as dimensões estruturais da atenção e seus paradoxos. Feito isso, será possível apresentar o aspecto ético da atenção, visto que se trata de um exercício filosófico e existencial que, ao ser direcionado à figura do outro (especialmente o desvalido, o desprezado), possibilita o seu reconhecimento, a sua valorização e o seu resgate, uma vez que, tal atenção é considerada a substância do amor ao próximo.

2 A CONCEPÇÃO WEILIANA DE ATENÇÃO

Antes de apresentar o desenvolvimento acerca do conceito da atenção realizado por Simone Weil, vale demonstrar algumas outras concepções, visto que, não se trata de um novo conceito, criado por Weil, mas de um novo significado por ela desenvolvido, talvez mais profundo, mais amplo. Desse modo, convém observar o que o *Dicionário de Filosofia* de Nicola Abbagnano apresenta sobre o conceito da *atenção*.

Noção relativamente recente (séc. XVII), com a qual se entende em geral o ato pelo qual o espírito toma posse de forma clara e vívida de um dos seus possíveis objetos, ou a apresentação clara e vívida de um desses possíveis objetos ao espírito. A noção de A. encontra-se em Descartes, que a entende como o ato pelo qual o espírito toma em consideração um único objeto durante algum tempo (*Pass. de l'âme*, I, § 43). Locke chama de “A.” a atenção passiva com que o espírito é atraído por certas idéias (sic), ao passo que chama de “reflexão” a A. ativa pela qual ele escolhe certas idéias (sic) como objetos privilegiados (*Ensaio*, II, I, § 8). Diz ele: “Quando tomamos nota das idéias (sic) que se nos apresentam por si e elas são, por assim dizer, registradas na memória, trata-se da A.” (ibid., II, 19, § 1). Leibniz, no entanto, dá sentido ativo à A.: “Damos A. aos objetos que distinguimos e preferimos aos outros”. E como formas da A. enumera a **consideração, a contemplação, o estudo, a meditação** (*Nouv. ess.*, II, 19, § 1). Ela constitui a passagem das pequenas percepções à apercepção (ibid., pref.). A A. conserva esse mesmo caráter ativo em Wolff (*Psychol. emp.*, § 237) e em Kant (*Antr.*, I, § 3), que a define como “o esforço de tornar-se consciente das próprias representações”. A partir da segunda metade do séc. XIX, com o surgimento da psicologia científica, a A., considerada como uma das condições da vida psíquica, é incluída no âmbito dessa ciência. Seu conceito continua sendo o mesmo que fora formulado

⁶ Aqui foi utilizado como fonte o artigo *Fenomenologia do olhar* da revista **Arte pensamento**, São Paulo, 1988. Disponível em: <<https://artepensamento.com.br/item/fenomenologia-do-olhar/>>. Entretanto tal documento não possui paginação.

pelos filósofos; [...]. A psicologia contemporânea considera a A. como adaptação ativa a uma situação, como orientação seletiva em face dos objetos a serem percebidos (cf., d., p. ex., D. O. HEBB, *The Organization of Behaviour*, 1949, p-4). Com essa noção de A., que se ajusta ao esquema geral predominante nas ciências antropológicas, segundo o qual toda atividade do homem é a sua resposta a determinado complexo de estímulos (situações ou problemas), a A. saiu do domínio da pura interioridade e foi reconhecida como uma forma de *comportamento* (ABBAGNANO, 2000, p. 88-89, grifo nosso).

Simone Weil não se afasta dessas compreensões, mas vai além. Ela desenvolve sua “doutrina da atenção” (BOSI, 2003)⁷ no decorrer de toda a sua obra. Contudo, devido às limitações desta pesquisa, serão utilizados como fonte teórica para expor essa doutrina três ensaios específicos de Simone Weil, dois deles presentes na obra *Attente de Dieu (Espera de Deus): Réflexions sur le bon usage des études scolaires en vue de l’amour de Dieu*⁸ e *Formes de l’amour implicite de Dieu*⁹; e um terceiro, presente na obra *Simone Weil: a condição operária e outros estudos sobre opressão*, intitulado: *A atenção e a vontade*. Além desses, outros textos de comentadores também serão utilizados para melhor expor o pensamento dessa jovem filósofa.

No primeiro ensaio¹⁰ é que se encontram as primeiras conceituações a respeito da atenção. Trata-se de algumas orientações/sugestões aos estudantes católicos. Nele, Simone afirma que os estudos escolares têm por objetivo principal desenvolver o poder da atenção, uma vez que, esta é identificada como sendo substância da oração (WEIL, 1987, p. 87-88). Desse modo, a jovem filósofa e mística transcende/ultrapassa os interesses e objetivos particulares tanto dos estudos quanto dos estudantes, afirmando que

é necessário estudar sem nenhum desejo de conseguir boas notas, de obter êxito nos exames, ou algum resultado escolar, sem nenhuma relação com os gostos e aptidões naturais, aplicando-se do mesmo modo a todos os exercícios, com o pensamento de que todos eles servem para formar essa atenção que é substância da oração. No momento em que nos aplicamos a um exercício é necessário cumpri-lo corretamente, porque essa vontade é indispensável para que haja verdadeiramente esforço. Porém, através desse objeto imediato, a intenção profunda deve estar dirigida unicamente para o aumento do poder da atenção com vistas à oração, da mesma maneira que ao escrever ou desenhar a forma das letras sobre o papel, se o faz não pela forma, e sim visando a idéia (sic) que se quer expressar (WEIL, 1987, p. 90-91).

⁷ BOSI, Ecléa. A atenção em Simone Weil. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 14, n. 1, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642003000100002#nota2>. O presente documento não possui paginação.

⁸ Reflexões sobre o bom uso dos estudos escolares visando o amor a Deus.

⁹ Formas implícitas do amor a Deus.

¹⁰ Redigido na primavera de 1942, período no qual outros textos foram redigidos. Alguns desses compõem a obra *Attente de Dieu*, compilação póstuma realizada pelo Padre Perrin.

Ela afirma isso pelo fato de compreender que a atenção “é um exercício do espírito que vai se aperfeiçoando à medida que é constantemente aplicada em tudo, especialmente em cima de objeto de que não gostamos” (MARTINS, 2013, p. 186). Vale destacar que os resultados desse aperfeiçoamento, desses esforços, nem sempre são perceptíveis de imediato, entretanto, a própria Simone Weil afirma:

Sem que o sintamos, sem que o saibamos, esse esforço aparentemente estéril e sem frutos trouxe mais luz à alma. Os frutos serão encontrados mais tarde, na oração. Serão também encontrados, sem dúvida, no maior desenvolvimento de algum dos domínios da inteligência (WEIL, 1987, p. 89).

Tal afirmação justifica-se pelo fato dela compreender que todo esforço intelectual com vistas à formação da atenção favorece o espírito na oração, uma vez que este almeja a transcendência. Por outro lado, uma oração feita de atenção irá favorecer o intelecto com sua luz, possibilitando que ele prossiga em suas investigações. Vê-se assim, que o espírito intelectual e o espírito orante estão profundamente relacionados, são interdependentes. Não são dois movimentos diferentes, mas duas manifestações do mesmo itinerário percorrido pelo espírito transcendental do ser humano “que avança numa ‘dimensão muito misteriosa’ pelo uso da atenção dentro de um esforço que traz luzes para a alma com frutos encontrados na oração” (MARTINS, 2013, p. 187).

Nisso percebe-se o aspecto epistemológico da atenção. Percebe-se a profunda integração entre vida intelectual e vida espiritual, cujo objetivo mútuo é a transcendência. Isso é facilmente perceptível em todo o construto biográfico-conceitual de Simone Weil que jamais se permitiu desvincular sua trajetória acadêmica de busca pela verdade de suas experiências místicas, nas quais ela experimentou o contato face a face com aquele que diz: “Sou a Verdade” (WEIL, 1987, p. 96)¹¹.

Nessa integração, verifica-se que a atenção pode ser compreendida como uma “chave para uma relação autêntica com o real e se vê da mesma forma associada às questões cognitivas, espirituais, éticas e políticas” (JANIAUD apud MARTINS, 2013, p. 188).

Simone Weil relaciona essa atenção ao desejo ao afirmar que “A atenção está ligada ao desejo. Não à vontade, mas ao desejo. Ou, mais exatamente, ao consentimento” (WEIL, 1996, p. 454). Isso se justifica pelo fato dela compreender que:

A inteligência só se deixa levar pelo desejo. Para que haja desejo é necessário que haja prazer e alegria. A inteligência só se desenvolve e dá frutos na alegria. [...] Este papel que desempenha o desejo no estudo, é o que permite fazer dele uma preparação para a vida espiritual (WEIL, 1987, p. 93).

¹¹ Referência ao texto do evangelho de São João, capítulo 14, versículo 6: “Jesus respondeu: Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai se não por mim” (Bíblia Sagrada, 2012, p. 1330-1331). É importante destacar que ao redigir esse texto, Simone já havia realizado suas experiências místicas.

Desse modo, vê-se que “atenção e desejo são as faculdades humanas que estão vinculadas a atitudes fundamentais de contemplação e consentimento” (MARTINS, 1987, p.185), ou seja, a faculdades do intelecto que possibilitam o conhecimento. Mas esse desejo deve estar livre de quaisquer objetos materiais, pois na atenção ele “deve ser voltado para o único desejo verdadeiro: a verdade. [...] Há verdadeiro desejo quando há esforço de atenção” (MARTINS, 2013, p. 189).

Esse esforço é considerado como um dos mais difíceis, pois segundo Simone Weil existe “algo, em nossa alma, que repugna a verdadeira atenção muito mais violentamente que a fadiga à carne” (WEIL, 1987, p. 94). Entretanto, vale destacar que “todas as vezes que se presta verdadeira atenção, se destrói algo do mal existente na alma” (ibidem). Essa afirmação encontra pleno sentido dentro da totalidade do *corpus* filosófico weiliano, pois, de acordo com a filosofia de Simone Weil, todo contato com a Verdade, seja ele intelectual ou místico/religioso, destrói uma parcela da “parte medíocre da alma” (WEIL, 1991, p. 138), ou seja, diante da Verdade uma parte da alma responsável por fomentar ilusões, pré-conceitos, contrassensos, não se mantém, é destruída. E o exercício da verdadeira atenção possibilita tal encontro com a Verdade, atenção esta que é definida da seguinte maneira:

A atenção consiste em suspender o pensamento, deixá-lo disponível, vazio e penetrável pelo fim proposto de manter dentro de si, na proximidade do pensamento, porém num nível inferior e sem contato com ele, os diversos conhecimentos adquiridos que é forçoso utilizar. O pensamento deve ser, em relação a todos os pensamentos particulares e já formados, como um homem sobre uma montanha que, olhando diante de si, percebesse debaixo dele muitos bosques e planícies, ao mesmo tempo, mas sem olhá-los. E, sobretudo, o pensamento deve estar vazio, em espera, sem buscar nada, porém pronto para receber em sua verdade desnuda o objeto que o penetrará (WEIL, 1987, p. 94-95).

Percebe-se que essa atenção permite a total manifestação do objeto sobre o qual ela encontra-se direcionada, ou seja, ela “traz consigo uma ‘liberdade para o objeto’” (BOSI, 2003) e permite que a alma o reconheça e o acolha tal como ele é.

Faz-se importante destacar um paradoxo, perceptível na definição de atenção, é fundamental que a atenção esteja vazia de qualquer objeto material, para que esse vazio¹² possa ser preenchido/ocupado pela verdade; entretanto, toda atenção é um direcionar-se para alguma coisa

¹² “Certamente, Simone, ao ler textos orientais (da China e da Índia), teve contato com a noção de vazio, que é muito presente nesses textos. Mas vazio não é um conceito estranho à filosofia, sobretudo no sentido trabalhado por Simone, ligado ao libertar-se dos desejos. Quando o estoicismo fala de ataraxia, que é chegar a um estado de imobilidade diante da vontade e do desejo, temos aí uma noção de vazio interior. O cristianismo também trabalha muito essa questão, sobretudo os místicos, para os quais é preciso uma expurgação e catarse interior para receber a graça de Deus. Isso tudo é bem presente em Simone, que fala do vazio num estado de espera para contemplar e receber a revelação da realidade das coisas, que é algo muito próximo de Platão” (MARTINS, 2013, p. 190-191).

particular e específica de forma intensa, mas para que tal direcionamento seja plenamente eficaz faz-se necessário um esvaziamento do particular, desse modo, percebe-se que “Prestar atenção a alguma coisa é prestar atenção ao vazio. O objeto existe, mas há atenção vazia da presença material desse objeto para se chegar a uma atitude de espera para que o objeto se manifeste por revelação” (MARTINS, 1987, p, 189).

Simone Weil, ao valorizar essa atitude da atenção como uma espera, faz questão de advertir sobre os riscos das precipitações, afirmando que a maioria dos equívocos, erros ou contrassensos acontecem “porque o pensamento é precipitado antes do tempo sobre algo e, estando assim, prematuramente colmado, já não se encontra mais disponível para a verdade. A causa é sempre ter querido ser ativo, ter querido buscar” (WEIL, 1987, p. 95).

É importante deixar claro que essa “identificação” da atenção com a espera, não significa que a atenção seja totalmente passiva, ou algo do tipo, esses são apenas alguns aspectos iniciais da atenção apresentados por Simone Weil.

Para que se possa compreender o aspecto ético da atenção, ou seja, suas características ativas, é preciso antes, expor suas dimensões estruturais, bem como, alguns outros paradoxos contidos nessa conceituação, tais como foram percebidos e elencados por comentadores dos textos de Simone Weil.

3 DIMENSÕES ESTRUTURAIS E PARADOXOS DO CONCEITO DE ATENÇÃO

Alfredo Bosi¹³, uma das referências brasileiras quando o assunto é Simone Weil, ao analisar os *Cahiers*¹⁴ de tal filósofa, percebe que ela desenvolve uma *pedagogia do olhar* a partir de seu grandioso arcabouço biográfico-conceitual. “Olhar que, no ato de exercer-se, toma o nome justo de **atenção**” (BOSI, 1988, grifo nosso). A respeito disso, o autor brasileiro afirma que “Os *Cahiers* contêm longas reflexões ou breves apontamentos sobre o tema (atenção). Deles pude extrair quatro dimensões que me pareceram estruturais: a perseverança, o despojamento, o trabalho, a contradição” (BOSI, 1988). Convém observar atentamente cada uma dessas dimensões.

A primeira dimensão estrutural da atenção a ser elencada é a *perseverança*, caracterizada primeiramente pela ausência de pressa, uma vez que, “A atenção mora e demora no tempo, por isso

¹³ Professor brasileiro, nascido em São Paulo em 1936. cursou letras neolatinas na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e estudou filosofia da renascença e estética na Facoltà di Lettere de Florença. Atualmente é professor titular aposentado e professor emérito de literatura brasileira da USP. É autor de diversos livros e artigos, tanto de literatura quanto de filosofia.

¹⁴ Cadernos/diários nos quais Simone anotou muitos de seus pensamentos. Foram publicados postumamente.

é lenta e pausada como o respirar da ioga” (BOSI, 1988). Isso demonstra também que a atenção é um esforço que

por si mesmo, não comporta a fadiga. Quando a fadiga se faz sentir, a atenção já quase não é mais possível, a menos que já se esteja bem exercitado; vale mais, portanto, abandonar-se, buscar uma relaxação, e depois, um pouco mais tarde, recomeçar, parar e prosseguir, tal como se inspira e expira (WEIL, 1987, p. 94).

Vê-se assim, que não se trata de uma perseverança exaustiva, sem qualidade, mas de uma perseverança marcada pela leveza e pela tranquilidade, capaz de fazer com que o sujeito permaneça próximo àquilo que é objeto de sua atenção sem pressa, pois

Só na medida em que o olho se detém e permanece junto ao objeto, ele pode descobrir os seus múltiplos perfis (aspectos, visadas) e, ao longo do mesmo processo, recuperar a sua unidade em um **nível mais complexo de percepção** [...]. O olhar atento chega ao extremo de “ver” o tempo que passa tal qual se dá pelo movimento de cada ser vivo [...]. Mas, para atingir esse alvo supremo da percepção, é necessário atentar para os fenômenos e esperar pela sua epifania (BOSI, 1988, grifo nosso).

Tem-se assim, mais uma vez, a atenção relacionada à espera, característica fundamental dessa perseverança.

A segunda dimensão estrutural é o *despojamento*, uma vez que Alfredo Bosi compreende que

A atenção é uma escolha, logo uma ascese. Quem prefere, pretere. O mesmo movimento do espírito que vai ao encaicho dos seres esvazia-se dos caprichos do ego; daquele ego enceguecido que, na reveladora expressão da linguagem coloquial, “não quer nem saber”. A atenção, ao contrário, tudo sacrifica para ver e saber. Simone Weil aplica ao seu ideal gnosiológico a sentença evangélica: “Bem-aventurados os puros de coração porque eles verão a Deus”. O desapego liberta os olhos das ilusões compensadoras entre as quais são particularmente cativantes e tenazes as que lisonjeiam o amor-próprio (BOSI, 1988).

Simone não despreza o amor-próprio, mas não se contenta nem se conforma apenas com essa “modalidade” de amar. Ela vê nas diversas formas de exaltação do amor-próprio o risco do fechamento em si mesmo, e assim busca demonstrar outras formas de amor, outras formas de atenção, especialmente relacionados a Deus, à verdade e ao próximo. Nesse sentido, o despojamento ocupa um importante lugar, pois é “o olhar desapegado que acede a uma razão dialética capaz de admirar as transformações do Uno Todo” (BOSI, 1988).

Observa-se assim, os primeiros traços de uma atenção ativa, mas isso é ainda mais perceptível na terceira dimensão estrutural: o *trabalho*. Simone Weil, que nunca desvinculou teoria

e prática, sempre foi fiel ao seu “projeto de construir uma ponte entre a consciência e a ação eficaz” (BOSI, 1988), sendo assim, vale afirmar que a “atenção é um olhar profundo e despojado. Mas não só. A atenção é também um olhar que age” (ibidem). Desse modo, em sua análise, Bosi percebe que

O nexa da atenção com o trabalho se faz, nos *Cahiers*, duplo. O olhar atento é, em si mesmo, operante: trata-se do trabalho da percepção. E há um outro nexa, de caráter histórico, entre o olhar e o trabalho. Este, quando livre, permite ao espírito desenvolver a sua aptidão de pensar tanto as regularidades quanto os acidentes da matéria. Mas quando a tarefa é brutal, mecânica e acelerada até a exaustão, ela impede o operário de compreender as leis da Necessidade, inscritas na máquina, que passa então a esmagá-lo (BOSI, 1988).

Essa degradação causada pelo trabalho brutal, que impede a tomada de consciência das atividades que estão sendo realizadas, é um tema caro à filósofa-operária, que viu de perto e experimentou na pele os sofrimentos da fábrica. Sendo assim, vale destacar que, segundo ela: “enquanto os trabalhadores não forem capazes de ver, por dentro, os meios e os fins da sua atividade cotidiana, a sociedade industrial, capitalista ou socialista, não saberá enfrentar os prestígios da tecnocracia. Consciência e regime democrático exigem-se mutuamente” (ibid.). Para que isso aconteça, a atenção como e com o trabalho faz-se fundamental.

A quarta e última dimensão estrutural da atenção é a *contradição*.

O olhar atento se exerce no tempo: colhe, por isso, as mudanças que sofrem homens e coisas. Todos os seres, vistos uma só vez, em corte sincrônico, parecem mais simples, coesos e homogêneos do que o são quando contemplados no curso da sua própria história. Só a visão diacrônica revela o processo, tantas vezes conflituoso, que formou a aparência [...]. É a práxis conjugada de corpo e consciência que produz a percepção do contraditório [...]. Olhar frente a frente a contradição é fazer calar a má fé e as ilusões compensadoras. **Ciência e ética, de novo, iluminam-se e refletem-se no olhar de Simone Weil** (BOSI, 1988, grifo nosso).

Desse modo, a contradição se impõe como dimensão da atenção por ser uma característica essencial da realidade. “Quando a atenção fixada em uma coisa revela, nesta, a contradição, produz-se algo como um descolamento. Perseverando nesta via, chega-se ao desapego” (WEIL apud BOSI, 1988).

Tendo visto as quatro dimensões estruturais da atenção, pode-se, agora, observar os três paradoxos da atenção elencados por Jöel Janiaud¹⁵ e expostos por Alexandre Andrade Martins¹⁶ na

¹⁵ Filósofo e professor francês formado na Ecole Normale Supérieure. Dedicou-se ao estudo da ética e da filosofia de Simone Weil.

¹⁶ Professor na Marquette University em Wisconsin, Estados Unidos, onde ensina ética (incluindo as especialidades de ética social e ética teológica) e bioética (incluindo ética e saúde pública). Doutor em Bioética e Ética Teológica pela Marquette University - EUA. Pós-Doutorado em Democracia e Direitos Humanos pelo Centro de Direitos Humanos da

obra *A pobreza e a graça: experiência de Deus em meio ao sofrimento em Simone Weil*, umas das principais referências bibliográficas do presente trabalho.

O primeiro paradoxo da atenção está relacionado à vontade e ao desejo, uma vez que, a atenção é um ato da vontade e assim, dirigida pela mesma. Entretanto, ela

não pode ser guiada pela vontade e, conseqüentemente, pelo desejo, pois impede a passividade da atenção e seu estado de espera pela revelação da verdadeira realidade dos objetos. Sendo assim, é necessária uma atenção passiva e espontânea não dirigida pela vontade, que deve ser substituída “por uma atenção ativa”. Se a atenção é dirigida pela vontade, torna-se desvirtuada e não autêntica, portanto, deve acontecer sem um ato da vontade. Aproveita-se a força da vontade para se manter atento, uma força utilizada apenas no meio, por ele mesmo, e não como um meio para se chegar a um fim. Para Janiaud, a atenção contém um mistério que a torna livre da vontade, para ser uma **atenção pura** que leva à ação não agente, livre de todo objeto de desejo e finalidade (JANIAUD apud MARTINS, 2013, p. 189-190, grifo nosso).

Ao se atingir essa atenção pura, pode-se então, verificar o segundo paradoxo, que se dá justamente quando se chega à atenção ao vazio.

Ultrapassando a vontade e o desejo, chega-se ao vazio, e a atenção se volta totalmente para ele numa ação não agente. Temos um paradoxo porque, se há atenção, é sobre alguma coisa, mas Simone diz que esse tipo de atenção comum impede de abrir-se para a realidade das coisas. **A atenção precisa estar sempre aberta para receber a revelação, e, para isso acontecer, é preciso atenção ao vazio. A atenção é uma dimensão espiritual e meditativa pela qual se fica aberto para aceitar o real e se libertar das ilusões** (MARTINS, 2013, p. 190-191, grifo nosso).

O terceiro e último paradoxo dá-se pelo fato da atenção ser compreendida como sendo também uma dimensão criativa, ao demonstrar isso, pode-se assim expor o aspecto ético da atenção, tão caro a este trabalho.

A atenção é uma dimensão criativa. Esse é o terceiro paradoxo [...]. A atenção, sendo criativa e parte da nossa inteligibilidade, é responsável por muitas das construções que fazemos. Simone Weil recomenda desconstruirmos as nossas projeções e encontrarmos a realidade como ela é. **A atenção desvela as falsas imagens do mundo e ajuda o sujeito a perceber a verdadeira realidade exterior, e isso o torna capaz de ver coisas antes passadas despercebidas, como os desventurados** (JANIAUD apud MARTINS, 2013, p. 191, grifo nosso).

Universidade de Coimbra, Portugal. Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP, onde estudou o pensamento filosófico e a mística de Simone Weil. Possui graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção (2004), graduação em Teologia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (2009) e pela Pontifícia Studiorum Universitas Salesiana de Roma (magna com laude), e pós-graduação em Bioética pelo Centro Universitário São Camilo (2007).

Assim, faz-se necessário afirmar, que “Sem a atenção nos seus paradoxos, nunca se perceberá o desventurado caído ao lado”. (MARTINS, 2013, p. 191).

Desse modo, tendo findado essa exposição acerca das dimensões estruturais e dos paradoxos da atenção, pode-se apresentar, de maneira mais específica, o aspecto ético da atenção, cujo ápice é a identificação desta como sendo a substância do amor ao próximo.

4 O ASPECTO ÉTICO DA ATENÇÃO: SUBSTÂNCIA DO AMOR AO PRÓXIMO

Tendo percebido, até aqui, a complexidade e a importância da atenção para a filosofia desenvolvida por Simone Weil, marcada pela busca da verdade e pela preocupação em socorrer os desvalidos, faz-se agora extremamente importante demonstrar de maneira detalhada que a atenção que deixa o espírito disponível para acolher a verdade é a mesma que possibilita o reconhecimento e o resgate do outro, especialmente do desvalido, do desprezado, que não é percebido por mais ninguém.

A reflexão sobre a atenção de Simone Weil é uma reflexão sobre a percepção e sobre a ação. Percepção da verdadeira realidade, especialmente das pessoas necessitadas, e ação em prol dessas pessoas, isto é, o transbordar da experiência do amor de Deus no serviço aos desventurados. Mais uma vez, temos a união do exercício intelectual e da oração em vista da vivência do amor (MARTINS, 2013, p. 191-192).

Essa união entre exercício intelectual e oração é ainda mais perceptível na fala de Simone Weil, que afirma: “A atenção, no seu mais alto grau, é a mesma coisa que a oração. Supõe implicitamente fé e amor” (WEIL, 1996, p. 453). Essa afirmação é possível pelo fato dela perceber que a oração e a inteligência buscam alcançar o mesmo objetivo: o estágio de contemplação, na qual o amor de Deus¹⁷ possa ser vivenciado, experimentado. Esse contato e esse reconhecimento do transcendente, da verdade, ou seja, de Deus, deve também impulsionar o sujeito para um contato e um reconhecimento do outro que está ao seu lado, especialmente o desvalido, o abandonado¹⁸.

¹⁷ Conceito muito caro à Simone Weil: “Amor de Deus é também uma forma para ela se referir à graça, isto é, ao mesmo conceito. Veremos constantemente Simone referir-se à graça como amor de Deus, pois a experiência da graça é a presença sentida e vivida do amor de Deus” (MARTINS, 2013, p. 183).

¹⁸ “A graça é um conceito fíncado em uma epistemologia da atenção, de um conhecimento intelectual para o sobrenatural, e que tem uma incisão direta na realidade histórica no perceber e no amor ao desventurado” (MARTINS, 2013, p. 198-199).

Sendo assim, percebe-se que “A epistemologia da atenção em Simone Weil leva a uma ética de socorro aos necessitados. Dito em outros termos: o amor de Deus leva ao amor ao próximo, cuja substância é a mesma: a atenção” (MARTINS, 2013, p. 197-198).

Não é somente o amor a Deus o que tem por substância a atenção. O amor ao próximo, que sabemos ser o mesmo amor, é feito da mesma substância. Os desgraçados não têm necessidade de outra coisa neste mundo que de homens capazes de prestar-lhes atenção (WEIL, 1987, p. 98).

A atenção como única necessidade dos desgraçados se justifica pelo fato daqueles que se encontram marcados pelo *malheur*, segundo Weil, estarem em um estado de total desumanidade, ou seja, nas poucas vezes em que são percebidos, o são apenas como coisas materiais, desprovidos de qualquer resquício de personalidade¹⁹, no sentido mais filosófico desta palavra. Simone faz questão de deixar isso bem claro, recorrendo por vezes a um antigo ditado romano: “Um homem perde a metade de sua alma no dia em que se converte em escravo” (WEIL, 1987, p. 129). O *malheur* é mais degradante que a escravidão. Por isso, a filósofa francesa afirma:

A capacidade de prestar atenção a um desgraçado é coisa muito rara, muito difícil; é quase um milagre; é um milagre. Quase todos os que crêem (sic) ter essa capacidade não a têm. O calor, o fervor do coração, a piedade não são suficientes (WEIL, 1987, p. 98).

Entretanto, basta que haja atenção verdadeira e real para com os *malheureuse* que o restante acontece naturalmente: “Saber que este homem, que tem fome e sede, existe realmente tanto quanto eu – isso basta, o resto vem por si” (WEIL, 1996, p. 456). Em outras palavras:

A plenitude do amor ao próximo consiste, simplesmente, em ser capaz de perguntar-lhe: “Qual é teu tormento?” É saber que o desgraçado existe, não como unidade em uma coleção, não como um exemplar da categoria social etiquetada “desgraçados”, mas como homem, exatamente igual a nós, que foi atingido, um dia, de uma maneira inimitável, pela desgraça. Para tanto é suficiente, porém indispensável, saber pousar sobre ele um olhar certo. Este é, antes de tudo, um olhar atento em que a alma se esvazia de todo conteúdo próprio para receber em si mesma o ser que ela olha, tal como é, em toda sua verdade. Só é capaz disso aquele que é capaz de atenção (WEIL, 1987, 98).

Sendo a atenção, portanto, a única necessidade daqueles que se encontram marcados pelo *malheur*, Simone apresenta como paradigma da atitude de atenção e de amor ao próximo a figura do Bom Samaritano²⁰, pois, segundo ela,

¹⁹ Condição de pessoa. Os marcados pelo *malheur* perdem até a sua dignidade de pessoa humana, é o extremo da coisificação.

²⁰ Alusão à passagem bíblica presente no evangelho segundo São Lucas, capítulo 10, versículos de 29 a 37.

Cristo nos ensinou que o amor sobrenatural ao próximo é o intercâmbio de compaixão e gratidão que se produz como um resplendor entre dois seres, dos quais um está provido e o outro está privado da pessoa humana. Um dos dois é somente um pouco de carne desnuda, inerte e sangrante à borda de uma vala, sem nome, do qual nada se sabe. Os que passam ao lado desta coisa, olham para ela com pena, e alguns minutos mais tarde já não sabem o que viram. **Um só se detém e presta atenção nela.** Os atos que se seguem não são mais do que o efeito automático dessa atenção. **Esta atenção é criadora.** Mas no momento em que ela opera, é renúncia, se ao menos for pura. O homem aceita uma diminuição, concentrando-se para um gasto de energia que não estenderá seu poder, que dará somente existência a um ser distinto dele, independente dele. Ademais, querer a existência do outro, é transportar-se para dentro dele, por simpatia e, por conseguinte, participar do estado de matéria inerte em que aquele se encontra (WEIL, 1987, p. 134, grifo nosso).

Convém explicitar, de maneira mais detalhada, o que seria essa atenção criadora, que de acordo com Simone Weil,

consiste em **prestar realmente atenção àquilo que não existe.** A humanidade não existe na carne anônima, inerte à borda do caminho. O samaritano que se detém e olha, presta atenção a esta **humanidade ausente**, e os atos que se seguem testemunham que se trata de uma atenção real (WEIL, 1987, p. 136, grifo nosso).

Essa atenção, anteriormente identificada como espera, identifica-se agora, de maneira muito profunda, com o amor, pois “O amor vê o invisível” (WEIL, 1987, p. 137). Desse modo, toda atitude de atenção, que percebe nos desvalidos a humanidade que ali se encontra ausente, é um gesto de amor.

Ao desenvolver suas reflexões acerca desses temas, a jovem francesa percebe que a distinção entre justiça e caridade pode muito prejudicar esse processo de reconhecimento e percepção daqueles que se encontram esquecidos e abandonados, ou seja, marcados pelo *malheur*. Segundo ela,

Nós inventamos a distinção entre a justiça e a caridade (...). Só a identificação absoluta da justiça e do amor torna possível, ao mesmo tempo, por um lado, a compaixão e a gratidão, e por outro, o respeito da dignidade da desgraça no desgraçado por si mesmo e pelos demais (WEIL, 1987, p. 126).

Desse modo, vê-se que Simone Weil não segue a tendência na qual a justiça e caridade são entendidas como práticas diferentes (MARTINS, 2013, p. 23). Em suas reflexões, tais conceitos precisam estar identificados entre si para que seja possível tanto a compaixão quanto a gratuidade em relação aos *malheureuse*, pois se não for desse modo, se justiça e caridade não estiverem conjugadas, os desventurados continuarão a passar sem serem percebidos e sendo alvo apenas de uma pseudojustiça, fragmentária, distante da realidade. “Diferentemente da concepção mais

comum, Simone coloca as duas virtudes unidas desde o princípio, de tal forma que não lutamos pela justiça se não amamos e não amamos o próximo se não lutamos pela justiça” (MARTINS, 2013, p. 232).

Assim, a justiça, ou o ideal de justiça, “consiste em prestar atenção a um desgraçado como um ser e não como uma coisa, a desejar a preservação nele da faculdade do livre consentimento” (WEIL, 1987, p. 141). Infelizmente, essa desvinculação entre justiça e caridade gera situações degradantes que perpetuam desumanidades, e Simone Weil deixa isso bem claro, ao usar como exemplo, a forma como o judiciário trata os “criminosos”:

a partir do momento em que um homem cai nas mãos do poder judiciário até o momento em que é liberto (...) não é jamais objeto de atenção. Tudo está combinado, nos mínimos detalhes, até nas inflexões da voz, para fazer dele aos olhos de todos e a seus próprios olhos, uma coisa vil, um objeto de rejeição. A brutalidade, o aturdimento, as palavras de desprezo e as zombarias, a maneira de falar, a maneira de escutar e a maneira de não escutar, tudo é igualmente eficaz (WEIL, 1987, p. 142).

O desprezo, dentro da reflexão weiliana, é considerado como “o contrário da atenção” (WEIL, 1987, p. 141). E é ele que impera quando a justiça encontra-se desvinculada da caridade, do amor, e assim, desvinculada da atenção.

Diante de tudo isso, percebe-se que a atenção possui um caráter fundamental dentro do pensamento weiliano, seja ela em sua identificação com a espera, que possibilita a revelação da verdade, ou considerada como substância do amor ao próximo que possibilita o reconhecimento e o resgate daqueles que se encontram caídos à beira do caminho. De qualquer maneira, não se trata de uma reflexão meramente teórica, mas igual a tudo na vida de Simone Weil, o exercício filosófico da atenção necessita de uma aplicação real e prática, para assim, transformar a vida de todos os *malheureuse*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo percorrido todo esse itinerário convém ainda destacar que Simone Adolphine Weil, sendo fiel a todas às suas radicalidades, ao trabalhar as questões do exercício filosófico da atenção, não procedeu de maneira diferente, ou seja, buscou demonstrar de modo claro e objetivo a aplicabilidade real de tal exercício no resgate daqueles que se encontram em total esquecimento, em total situação de miséria e sofrimento.

Pôde-se perceber também, que o exercício filosófico da atenção, ao deixar o espírito numa situação de abertura e disponibilidade, permite que a verdade e o outro possam ser acolhidos, ou seja, permite a contemplação da verdade e o reconhecimento do outro como ser humano, digno de ser amado e reconhecido. E desse modo, a atenção e o seu exercício, em Simone Weil está relacionada a conceitos de grande relevância dentro do construto biográfico-conceitual por ela desenvolvido, tais como: graça, *malheur*, enraizamento, gravidade; conceitos esses que são estudados por diversos outros pensadores e pesquisadores de Simone Weil de modo amplo e profundo.

Convém deixar claro que o presente trabalho não esgota todas as possibilidades acerca deste tema, visto que, primeiramente, não foi possível ter acesso à totalidade das obras de Simone Weil, e também pelo fato dela ser uma filósofa ainda não muito conhecida no Brasil, por isso, podem surgir diversas pesquisas extremamente diferente desta, tanto em sua natureza, quanto em seu objetivo.

Por fim, pode-se perceber, a partir da vida e da obra de Simone Weil, que é possível desenvolver um pensamento, uma filosofia, profundamente comprometida com a Verdade e com o resgate daqueles que se encontram em total situação de abandono e de esquecimento, e mais: que a busca pela verdade não pode se dar esquecendo-se desses.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Bíblia Sagrada. Tradução CNBB. Brasília: CNBB, 2012.

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. **Arte pensamento**, São Paulo, 1988. Disponível em: <<https://artepensamento.com.br/item/fenomenologia-do-olhar/>>. Acesso em: 17 set. 2019.

BOSI, Ecléa. A atenção em Simone Weil. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 14, n. 1, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642003000100002#nota2>. Acesso em: 15 ago. 2019

_____. Simone Weil. In: BOSI, Ecléa (Org.). **A condição operária e outros estudos sobre opressão**. Tradução Therezinha G. G. Langlada. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 21-73.

ESCAVADOR. **Alexandre Andrade Martins**. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/2950187/alexandre-andrade-martins>>. Acesso em 09 set. 2020.

FILÓSOFOS. **Alain**. Disponível em: <<https://www.estudantedefilosofia.com.br/filosofos/alain.php>>. Acesso em 26 mar. 2020.

LETRAS, Companhia das. **Alfredo Bosi**. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00052>>. Acesso em 04 set. 2020.

MARTINS, Alexandre Andrade. **A pobreza e a graça**: experiência de Deus em meio ao sofrimento em Simone Weil. São Paulo: Paulus, 2013.

POLYMNIA. **Compositora do mês**: Germaine Tailleferre (1892-1983). Disponível em: <<https://polymnia.webnode.com/news/compositora-do-mes-germaine-tailleferre-1892-1983/>>. Acesso em 26 mar. 2020.

SAVOIR etre et vivre ensemble. **Nos formateurs**: Joël Janiaud. Disponível em: <<https://asso.seve.org/devenir-animateur/par-qui/>>. Acesso em 09 set. 2020.

UQAC, Université du Québec à Chicoutimi. **René Le Senne**, 1882-1954. Disponível em: <http://classiques.uqac.ca/classiques/le_senne_rene/le_senne_rene_photo/le_senne_rene_photo.htm>. Acesso em 26 mar. 2020.

WEIL, Simone. A atenção e a vontade. In: BOSI, Ecléa (Org.). **A condição operária e outros estudos sobre opressão**. Tradução Therezinha G. G. Langlada. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 453-458.

_____. **Espera de Deus**. São Paulo: ECE, 1987.

_____. **Pensamentos desordenados acerca do amor a Deus**. São Paulo: ECE, 1991.

Recebido em: 26 set. 2021
Aprovado em: 30 out. 2021